



Paidéia (Ribeirão Preto)

ISSN: 0103-863X

ISSN: 1982-4327

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Diniz, Raquel Farias; Pinheiro, Jose de Queiroz
O Compromisso Pró-Ecológico nas Palavras de Seus Praticantes¹
Paidéia (Ribeirão Preto), vol. 27, núm. 1, Suppl., 2017, pp. 395-403
Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

DOI: 10.1590/1982-432727s1201704

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305463226004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://www.redalyc.org)



Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O Compromisso Pró-Ecológico nas Palavras de Seus Praticantes¹

Raquel Farias Diniz²

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN,
Brazil*

Jose de Queiroz Pinheiro

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN,
Brazil*

Resumo: O compromisso pró-ecológico (CPE) compreende uma relação de caráter positivo que as pessoas estabelecem com o meio ambiente, manifestada por via de práticas de cuidado ambiental. Para aprofundar o conhecimento sobre esse fenômeno psicossocioambiental, o objetivo foi explorar as definições sobre o CPE a partir do ponto de vista de pessoas comprometidas pró-ecologicamente, e as concepções de meio ambiente que o embasam. Pessoas indicadas como comprometidas pró-ecologicamente ($N = 29$; idades entre 23 e 79 anos) discorreram livremente em entrevistas sobre seu CPE, sobre meio ambiente e indicaram outras pessoas avaliadas como sendo comprometidas. O *corpus* foi submetido à análise de conteúdo interpretativa. Identificamos mudanças nos entendimentos de meio ambiente, que se distinguiu do conceito de natureza, e de CPE atreladas aos contextos sócio-históricos e às experiências pessoais. Foram mencionadas práticas relativas às escolhas cotidianas, saúde, conscientização e relações de caráter pró-social, assim como barreiras e hábitos que dificultam o cuidado ambiental.

Palavras-chave: psicologia ambiental, comportamento ecológico, pesquisa qualitativa

Pro-Ecological Commitment in the Words of its Practitioners

Abstract: A pro-ecological commitment (PEC) is a positive relationship people establish with the environment and is manifested through environmental care practices. In order to deepen knowledge of this psychosocial and environmental phenomenon, we explored the definitions of PEC from the perspectives of people committed to the environment, taking into account the environmental conceptions underpinning this commitment. People who were nominated as being pro-ecologically committed ($N = 29$; aged between 23 and 79 years old) freely talked about their PECs and environment and also nominated other people they deemed to have the same commitment. The *corpus* was analyzed according to interpretive content analysis. We identified changes in their understandings concerning PEC and the environment, which was distinguished from the concept of nature, linked to socio-historical contexts and personal experiences. Practices related to daily choices, health, sensitization and pro-social relations, as well as barriers and habits that hinder environmental care, were also reported.

Keywords: environmental psychology, ecological behavior, qualitative research

El Compromiso Pro-Ecológico en las Palabras de sus Practicantes

Resumen: El compromiso pro-ecológico (CPE) comprende una relación de carácter positivo que las personas tienen con el medio, manifestada a través de las prácticas de cuidado del medio ambiente. Para profundizar el conocimiento de este fenómeno psicossocioambiental, nuestro objetivo fue explorar el CPE desde el punto de vista de las personas comprometidas y los conceptos de medio ambiente que le dan soporte. 29 personas pro-ambientalmente comprometidas (edades de 23 a 79 años) participaron en entrevistas en las que hablaron sobre su CPE, sobre medio ambiente e indicaron personas evaluadas como comprometidas; el *corpus* fue objeto de análisis de contenido interpretativa. Identificamos cambios en la comprensión del medio ambiente, diferente de la naturaleza, y del CPE vinculados a los contextos socio-históricos y a las experiencias personales. Fueron mencionadas las prácticas relacionadas con las opciones de todos los días, la salud, la concienciación y relaciones de carácter pro-social, así como barreras y hábitos que impiden el cuidado del medio ambiente.

Palabras clave: psicología ambiental, conservación (conducta ecológica), investigación cualitativa

¹Paper derived from the doctoral dissertation of the first author under the advice of the second author, defended in the Graduate Program in Psychology at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Support: National Council of Scientific and Technological Development (CNPq, Grant No. 203464/2013-3 SWE).

²Correspondence address: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Campus Universitário Lagoa Nova, Avenida Hermes da Fonseca - s/n., Lagoa Nova, Natal, RN, Brazil. CEP: 59.078-970. E-mail: raquelfdiniz@gmail.com.

A presente investigação compõe o esforço comum a diversos campos do saber, na busca por compreender o que leva as pessoas a cuidar do meio ambiente. Insere-se no campo interdisciplinar dos estudos pessoa-ambiente, por via da Psicologia Ambiental em sua vertente “Verde”, tendo como pano de fundo o conhecimento que vem sendo construído ao longo das últimas décadas pela ciência psicossociológica sobre a

pró-ambientalidade (Pol, 2007). Considerando os contextos sociais e históricos, com o foco nas dimensões do cotidiano, dos estilos de vida e escolhas comportamentais, buscamos lançar luz sobre como pessoas, dentro dos modos de vida das sociedades ocidentais, se apropriam dessa questão a ponto de adotarem práticas do cuidado ambiental, incorporando-o em suas relações e rotinas pessoais, domésticas, de formação, de trabalho.

Nesse sentido, levantamos elementos que auxiliem no entendimento a respeito de como, diferentemente da maioria da população, algumas pessoas aderem a um compromisso que compreende uma relação de caráter positivo com o meio ambiente, e passam a responsabilizar-se e interessar-se por ele. Entende-se que esse compromisso tem uma orientação pró-ecológica, ou seja, tem como foco a manutenção das diferentes formas de vida e o equilíbrio ambiental. É composto por um conjunto de dimensões psicossociais – conhecimentos, atitudes, crenças, normas, valores, visões de mundo – que, dependendo de fatores situacionais, concretizam-se em práticas de cuidado e conservação do ambiente (Gurgel & Pinheiro, 2011).

Partimos do entendimento de que por mudarem com o tempo e serem relativos ao período em que se manifestam, os fenômenos sociais trazem em si uma carga histórica. Para além, pode-se dizer que tais fenômenos têm memória porque são, também, resultantes da história de sua produção, das peculiaridades da cultura, das tradições e modos de vida da sociedade em que são produzidos. Assim, a forma como se manifestam no presente mantém relação intrínseca com sua genealogia, sendo decorrentes das práticas e relações sociais a partir das quais foram sendo constituídos (Gergen, 1985, 1996; Ibáñez, 2003).

O compromisso pró-ecológico (CPE) – compreendido como um fenômeno psicossocial sob essa perspectiva – se constitui a partir das práticas e relações circunscritas numa dada cultura, em um dado momento histórico. Há ainda outro fator central que concorre para sua constituição: o ambiente, que pode ser compreendido em suas múltiplas acepções, desde o espaço físico a seus aspectos simbólicos. Desse modo, trata-se de um fenômeno “psicossocioambiental” que vem se formando no bojo do debate ecológico e do *verdejar* da opinião pública, há mais de cinco décadas. Sua produção tem como condições o reconhecimento dos diversos efeitos negativos da ação humana no meio ambiente, e a emergência de uma preocupação com os riscos dessa ação.

A questão ambiental vem sendo debatida de forma progressiva desde o início dos anos de 1960, quando os cientistas passaram a alertar a população em geral sobre o aumento da poluição e da degradação ambiental, atreladas à escassez de recursos que traria riscos para a vida humana no planeta (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1991). A difusão desse debate coube, em grande parte, à atuação dos movimentos ambientalistas que teve início, no Brasil, a partir dos anos de 1970. Começou marcada pela denúncia da degradação ambiental em campanhas com mínimas repercussões na opinião pública, passando por um momento de politização durante o período da redemocratização, marcado por um caráter bissetorial (grupos de base e agências estatais ambientais) até

o ano de 1985 e, finalmente, evoluindo para um movimento multisetorial e complexo a partir da segunda metade da década de 1980, tendo como marco posterior a Rio-92 (Viola & Leis, 1995). Embora a agenda ambiental não tenha tido os avanços esperados nas últimas duas décadas, houve um aumento da participação da sociedade civil em dispositivos e órgãos governamentais (Cordeiro, 2014; Losekann, 2012). Ressalta-se, também, a emergência de novos movimentos socioambientais como a permacultura, as ecovilas, e movimentos voltados para pautas urbanas como a mobilidade, ocupação do espaço público e o direito à cidade.

Cabe destacar, então, as transformações nas acepções e os discursos sobre ambiente que acompanham as mudanças nos contextos sociais e históricos que demarcam a evolução dos movimentos ambientalistas no Brasil e no mundo desde meados do século passado e o momento mais recente, nas primeiras décadas do século XXI. Desse modo, uma das características específicas do nosso tempo em comparação com outros momentos históricos é o uso das palavras *ambiente* e *ambientalismo*, as quais possuem uma intersecção semântica com outros termos também de corrente associação com o termo *natureza*, como: ecologia, ecologismo, naturalismo, ecocentrismo, antropocentrismo, biocentrismo, ecofeminismo, gaianismo, desenvolvimento sustentável, verdes, ecossistemas, entre outros. De acordo com Castro (2005) foi apenas nas últimas décadas que o termo *ambiente* passou a “habitar um novo – e denso – campo semântico onde a cor predominante é o verde” (p. 172). O que a autora chama de “explosão semântica” nos leva a refletir sobre a evolução destes conceitos e a importância que os mesmos vêm assumindo dentro e fora da academia.

O verdejar da opinião pública sobre os temas ambientais é de fundamental interesse para pensar e planejar intervenções que favoreçam transformações nos estilos de vida nas sociedades capitalistas. A pró-ambientalidade, como uma de suas expressões, tem sido foco de um número crescente de investigações, comportando diferentes nomenclaturas (exemplo, comportamento pró-ambiental, comportamento de conservação, atitudes ambientais, conduta sustentável), mas com objetivo comum de compreender os comportamentos com impactos positivos para o ambiente, e identificar os determinantes envolvidos em sua promoção. Tais investigações recorrem, tradicionalmente, a escalas que abordam predisposições do comportamento, como atitudes, crenças, motivações e valores com orientação pró-ecológica. Tal fragmentação impõe limites ao próprio conhecimento sobre o fenômeno, como já vem sendo apontado em alguns estudos (Gaspar de Carvalho, Palma-Oliveira & Corral-Verdugo, 2010; Hill, Figueredo & Jacobs, 2010; Vaccari, Cohen & Rocha, 2016).

Nesse sentido, a noção de CPE representa uma relação com o meio ambiente que sintetiza diversos indicadores investigados separadamente, aproximando-se da ideia de preocupação tal como decorre da tradução do termo corrente em inglês “*environmental concern*”, porém com um caráter positivo, visto sua relação com a noção de cuidado como algo a ser buscado e não evitado (Pinheiro, 2002). Representa, também, o interesse pelo recurso a uma linguagem mais acessível a diferentes áreas de conhecimento, como a educação ambien-

tal, visto tratar-se de uma nomenclatura mais clara e próxima ao senso comum (Gurgel & Pinheiro, 2011). Ressalta-se ainda que, para além da intenção, o CPE expressa o comprometimento assumido com a prática efetiva do cuidado ambiental decorrente de um vínculo estabelecido com o(s) ambiente(s). Algo que é percebido socialmente, ou seja, manifesto em diversos espaços de interação social na forma de diferentes práticas de cuidado ambiental (Pinheiro & Diniz, 2013).

Sob a perspectiva já sinalizada, a presente investigação partiu do interesse por aprofundar o conhecimento sobre o CPE como fenômeno psicossocioambiental, circunscrito social, cultural e historicamente. Para aprofundar o conhecimento sobre esse fenômeno psicossocioambiental, o objetivo deste estudo foi explorar as definições sobre o CPE a partir do ponto de vista de pessoas comprometidas pró-ecologicamente, e as concepções de meio ambiente que o embasam. Compreende-se, então, que a construção do conhecimento pautado pela perspectiva das próprias pessoas pode fornecer bases para o desenvolvimento de estratégias de educação ambiental e intervenções mais pertinentes e próximas de diferentes contextos e modos de vida contemporâneos.

Método

A fim de explorar as concepções de meio ambiente e de CPE em pessoas que manifestam esse compromisso, foi utilizada uma abordagem metodológica de base qualitativa. Orientada por um paradigma interpretativo, tal abordagem possibilitou acessar o ponto de vista das pessoas que vivenciam o fenômeno, contribuindo para a compreensão em profundidade dos processos de formação de padrões de significado e suas características estruturais (Willig, 2013). A partir de um posicionamento êmico, foi estabelecida uma relação próxima com os participantes, valorizando seus pontos de vista em relação às questões da pesquisa, se valendo deles para dar sentido à análise.

Participantes

A fim de assegurar a participação de pessoas comprometidas pró-ecologicamente, para a seleção de participantes foi utilizada a estratégia da percepção social do CPE. Tal indicador se baseia em avaliações feitas por pares, em um contexto de interações e de conhecimento entre as pessoas, sendo estas capazes de avaliar o compromisso pró-ecológico de colegas. As avaliações foram feitas espontaneamente e sem o uso de categorias previamente definidas, levando em conta os comportamentos, posto que as pessoas são expectadoras familiarizadas com as ações praticadas pelas outras e as utilizam como critérios em sua avaliação (Pinheiro & Diniz, 2013).

O primeiro grupo de participantes foi identificado em estudo anterior, por via da percepção social do CPE (Diniz, 2010). Foi então solicitado a essas pessoas que, com base em sua avaliação, indicassem outras que considerassem comprometidas pró-ecologicamente. A partir das indicações convergentes (caracterizando a percepção social) foram selecionados participantes para coletas subsequentes. Somada a essa estratégia, a fim de acessar pessoas em outras regiões do

Brasil, algumas indicações (avaliações) foram feitas por especialistas (acadêmicos e técnicos com atuação na área ambiental), e algumas pessoas foram selecionadas por atuarem como lideranças em organizações não governamentais encontradas via Cadastro Nacional de Entidades Ambientalistas (CNEA/Ministério do Meio Ambiente).

Desse modo, participaram da pesquisa 29 pessoas das cidades de Brasília (DF), João Pessoa (PB), Natal (RN), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), e São Paulo (SP), das quais 17 eram do gênero masculino. Já no momento da análise, observou-se que o grupo de participantes se distribuía em duas faixas etárias com características distintas: 16 participantes com idades entre 23 e 33 anos, estudantes no último ano do curso superior, recém-graduados, ou na pós-graduação; e 13 participantes com idades entre 39 e 79 anos, com carreiras profissionais consolidadas ou aposentadas/os.

Instrumento

Para a construção do *corpus*, foram realizadas entrevistas intensivas, individuais, utilizando questões focadas semiestruturadas (Charmaz, 2014). O roteiro da entrevista foi composto por questões que abordaram os seguintes tópicos: o que entendia por meio ambiente; por que achava que havia recebido as indicações para participar da entrevista; quais eram as práticas individuais e/ou coletivas de cuidado ambiental. Ao final, era solicitada a indicação de outras pessoas que fossem consideradas pela/o entrevistada/o como comprometida pró-ecologicamente para participar do estudo, caracterizando a percepção social do CPE. As justificativas para as indicações também compuseram o *corpus* da pesquisa.

Procedimento

Coleta de dados. Todas as entrevistas foram realizadas em lugares e horários previamente definidos com as pessoas entrevistadas, e tiveram durações que variaram entre 25 e 179 minutos. Foram gravadas em áudio, mediante autorização prévia, e transcritas, considerando que esse procedimento é, em si, um princípio da análise e a auxilia posteriormente.

Análise dos dados. O *corpus* da pesquisa foi submetido a uma análise de conteúdo de base interpretativa, que visa a identificar, analisar e reportar temas significativos e/ou recorrentes, servindo à interpretação de vários aspectos relativos às questões da pesquisa. Em lugar do foco exclusivo nos aspectos idiossincráticos dos sujeitos, a análise priorizou a teorização acerca dos contextos socioculturais e ambientais, e das condições que os estruturam. E para além do conteúdo semântico dos dados, num nível latente, foram examinadas ideias subjacentes, pressupostos e conceitos que dão forma ao que foi enunciado (Braun & Clarke, 2013).

Quanto aos procedimentos da análise, foi seguida a sequência de passos: (1) organização dos dados e elaboração de memorandos; (2) geração dos códigos iniciais, com o suporte de um software de auxílio à análise de dados qualitativos (QDA Miner); (3) identificação dos temas, em níveis mais amplos de abstração; (4) revisão dos temas, utilizando os cri-

térios de homogeneidade interna (harmonia entre os códigos) e heterogeneidade externa (distinção entre os temas); (5) descrição e definição dos temas, com foco em aspectos de interesse e inovadores; (6) relato e discussão dos resultados, com a seleção de extratos ilustrativos e cotejamento com a literatura e o conhecimento empírico já construído em torno do fenômeno do compromisso pró-ecológico (Braun & Clarke, 2013).

Em suma, a análise atingiu três níveis, quais sejam: nível sintetizador, relativo ao resumo das ideias contidas no conjunto de dados em caráter descritivo; nível explicativo, relativo ao aprofundamento das ideias recorrendo ao próprio texto, ou a outras fontes como a literatura, com foco na compreensão; e nível estruturante, que diz respeito à articulação entre essas ideias, com o suporte de elementos teóricos e abstrações conceituais (Flick, 2014).

Da análise emergiram dois grandes temas, tomados como categorias. Desse modo, a primeira categoria, refere-se às concepções de meio ambiente, nomeada a partir de uma fala recorrente em diferentes entrevistas “Meio-Ambiente é tudo!”. A segunda categoria, nomeada por “Os Compromissos Pró-Ecológicos”, engloba as definições de CPE pelas pessoas entrevistadas.

Considerações Éticas

Na condução da pesquisa foram tomados todos os cuidados éticos previstos para a pesquisa com seres humanos. Foi assegurado o anonimato e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Autorização de Gravação de Voz pelos participantes. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Parecer Nº 147.523).

Resultados

As concepções sobre meio ambiente mantêm relações com os entendimentos sobre o compromisso pró-ecológico, considerando que ambos são construídos socialmente, sendo circunscritos por contextos socioambientais e históricos. Apenas para favorecer uma compreensão em detalhes, na presente exposição, são separadas em duas categorias, como sinalizado anteriormente na seção de método.

Meio ambiente é tudo!

Como ponto de partida nas entrevistas, foi solicitado a cada participante que discorresse livremente sobre o que entendiam por *meio ambiente* e, na sequência, como haviam construído esse conceito. Em geral, as respostas versaram sobre a interação e a integração comum ao binômio pessoa-ambiente, mais próxima da noção ecossistêmica de interdependência, e sobre a construção pessoal dessa definição a partir da mudança de uma compreensão ingênua para outra mais abrangente e reflexiva. De forma espontânea, alguns participantes discorreram sobre os contrastes entre seu próprio entendimento e a visão de meio ambiente no âmbito do senso comum.

Inicialmente, as pessoas abordaram as diferenças entre

as noções de natureza e meio ambiente. Nesse sentido, geralmente a natureza é vista como algo distinto do humano, de que este não faz parte, e essa visão está relacionada com uma perspectiva preservacionista, que compreende a natureza como algo que precisa ser protegido integralmente, ou como algo a ser simplesmente contemplado. Já a concepção de meio ambiente compreende o espaço de interações, e de integração, associada à ideia de habitat, da qual a interferência e a ação humana fazem parte. O meio ambiente, então, caracteriza uma visão mais ampla e inclusiva, envolvendo também elementos naturais e os ambientes construídos.

Essa distinção, entre os conceitos de natureza e meio ambiente, mantém relação direta com outro ponto de contraste evocado nas entrevistas: a visão corrente do senso comum *versus* o entendimento mais complexo. No âmbito do senso comum, a noção de meio ambiente está frequentemente associada e limitada ao conceito de natureza, mencionado anteriormente, algo que está fora das pessoas e do qual não fazem parte, o que seria uma concepção excludente. Distingue-se, assim, de uma visão complexa e embasada, fruto de conhecimentos (adquirido por vias formais ou informais) sobre o tema, e de reflexões pessoais e em coletivo. Nesse sentido, o conceito é tratado de forma mais ampla e inclusiva, integrando as relações das pessoas com e no ambiente. Algumas pessoas discorreram sobre a complexidade dessa concepção em termos de níveis, ou escalas. Consideraram desde o meio ambiente mais elementar, o corpo, o organismo, passando ao ambiente direto, a casa, até os outros ambientes de interação.

“Vamos cuidar do meio ambiente!” parece que para cuidar das árvores, né? Vamos cuidar das florestas. Não! O entendimento de meio ambiente é o ambiente onde a gente está ambientando, é aqui também, é o concreto, é a rua, é a cidade é o trabalho, o seu ambiente de viver (Participante 1, homem, 29 anos).

Eu entendo meio ambiente em vários níveis, tem o meu nível, tem o meu meio ambiente, que é a minha pessoa, meu corpo faz parte do meio ambiente; tem o meio ambiente físico do mundo e como eu me relaciono com esse meio ambiente físico do mundo natural, que não se distingue (Participante 2, homem, 27 anos).

Essa definição de meio ambiente se relaciona com outros dois pontos de contraste, que marcaram suas próprias elaborações: uma conceituação do ponto de vista científico (formal) e a elaboração subjetiva sobre o conceito. Ambas as visões coexistem e se relacionam, visto que os participantes atuam em meio ambiente, portanto, ainda que alguns não tenham formação acadêmica específica em áreas relacionadas com o tema de meio ambiente, de forma mais ampla dominam a retórica do campo ambiental.

No que concerne à visão científica, como emerge no discurso dos participantes, meio ambiente contempla fatores bióticos (seres vivos, incluindo os seres humanos) e abióticos (substâncias inorgânicas, regime climático, oxigênio, solo, etc.). Dentro dessa visão, meio ambiente se enquadra como

uma das três dimensões da sustentabilidade (sendo as outras dimensões, a social e a econômica). Pode ser compreendido, ainda, como habitat, o lugar que habitamos e que circunscreve nossas interações tanto com seres humanos quanto com outros seres vivos e seres não vivos. Diferentemente da visão de senso comum, se reconhece o papel da interferência humana, até mesmo a partir da cultura e da vida urbana, que são também compreendidos como elementos que formam parte do meio ambiente.

Envolve aspectos físicos, aspectos bióticos, bióticos entra o homem também. E envolve também seus significados e aí tem a ver com a cultura, e tem a ver também com as paisagens, com a cultura, com o que se vê (Participante 3, mulher, 53 anos).

Pra mim a questão do meio ambiente é justamente o lugar, o lugar de interação entre todos os seres. A questão da fauna, a questão do homem e, pra não ofender as feministas, da mulher (risos). A questão dessa qualidade de vida, o bem-estar, então toda essa referência de qualidade de vida, de estar bem, pra mim é meio ambiente (Participante 4, mulher, 48 anos).

As ideias de bem-estar e qualidade de vida, mencionadas pela Participante 4, integram também um ponto de vista subjetivo, que contempla os aspectos experienciais e afetivos, sem recorrer necessariamente às definições e delimitações técnicas do termo. Nesse sentido, observa-se não apenas a presença de visões ecocêntricas, focadas na valorização da natureza em si, mas essas coexistindo com visões de interdependência entre a conservação da natureza e a manutenção da vida humana, o que caracteriza uma visão antropocêntrica.

Convém salientar que em muitos casos a resposta espontânea evocada pela pergunta/estímulo sobre a concepção de meio ambiente foi: “Tudo!”. Essa ideia de totalidade expressa uma visão do planeta como sendo um organismo vivo (Gaia), um macrocontexto integrado que engloba diversos tipos de interações e inter-relações, sendo abordado por participantes considerando os sentidos de interdependência e equidade. Tem-se como exemplos as passagens a seguir: “Eu acho que é tudo. Meio ambiente é o lugar e as inter-relações desses lugares, todas as relações que acontecem num espaço” (Participante 5, mulher, 42 anos); “Tudo! Não consigo ver meio ambiente como coisas isoladas. Eu consigo ver como um conjunto de coisas e situações” (Participante 6, mulher, 26 anos); “Tudo! Realmente tudo. Eu defino como sendo as relações, na realidade é tudo desde o ar ao que a gente come, as relações entre as pessoas, a matéria corporal, para mim meio ambiente é basicamente tudo” (Participante 7, mulher, 30 anos).

Algumas pessoas afirmaram que seu entendimento sobre o tema foi sendo desenvolvido a partir de suas próprias experiências, levando à mudança de uma visão mais ingênua em direção a um entendimento mais complexo. O que decorreu de um interesse pessoal e de leituras, reflexões e trocas de ideias com outras pessoas, e de um ponto de vista cognitivo, mantém relação com a aquisição de novas crenças. Contudo, essa mudança se deu com base não apenas em leituras e for-

mação técnica (aspecto cognitivo), mas também se construiu a partir de experiências pessoais que envolveram dimensões afetivas (exemplo, sentir-se bem, felicidade), contato com a diversidade, estabelecimento de novas relações, etc.

Em casa eu já recebi uma certa influência nesse sentido, de entender essa... totalidade das coisas, essa interdependência, essa interligação também ... viagens também que eu fazia contribuíram pra essa ideia, conversas e leituras, e reflexões, tudo isso eu acho que vai... por isso que eu digo, a gente tá sempre lendo, a gente tá sempre pensando, a gente tá sempre conversando então isso tá em constante construção (Participante 8, homem, 27 anos).

As concepções sobre meio ambiente formam parte da própria construção do compromisso pró-ecológico, tanto em nível cognitivo quanto em termos afetivos. Tais crenças vão se modificando ao longo da vida dos indivíduos e extrapolam o nível do conhecimento científico, incorporando a dimensão das experiências de vida como fatores que desencadeiam ou oportunizam reflexões e transformações do conceito. Esse entendimento também se manifesta na forma como os indivíduos os percebem e definem o compromisso pró-ecológico.

Os compromissos pró-ecológicos

A fim de explorar como as pessoas entrevistadas compreendem o CPE, foi solicitado que as mesmas avaliassem seu próprio compromisso, relatando os tipos de práticas que desenvolviam dentro de uma perspectiva de cuidado ambiental, ou seja, que considerassem como tendo impacto positivo para o meio ambiente. Nos casos em que a pessoa havia sido indicada (via percepção social do CPE), era solicitado, também, que discorressem sobre os motivos que pudesse apontar para as indicações recebidas. Somado a isso, ao final da entrevista, cada participante indicou outras pessoas que avaliasse como sendo comprometidas pró-ecologicamente, justificando essas indicações a partir das práticas de cuidado ambiental observadas.

Desse modo, os dados sobre as concepções acerca do CPE foram decorrentes da avaliação que as pessoas fizeram do seu próprio compromisso, assim como das avaliações feitas sobre o compromisso de outras pessoas. Observou-se que ambas convergiram. Embora a autoavaliação tenha tido como referência mais comum práticas domésticas e escolhas cotidianas, a percepção social, de forma mais ampla, abarcou dimensões semelhantes, tendo como foco características pessoais, práticas cotidianas e profissionais, e ações em âmbito coletivo.

Foram elencadas diversas atividades, desde ações individuais e de impacto em seu meio imediato, a ações com engajamento coletivo e de impacto mais abrangente. Em princípio, algumas pessoas citaram práticas relacionadas com escolhas cotidianas, contexto doméstico e práticas pessoais, tais como: cuidado com resíduos (coleta seletiva, reuso, redução), cultivo de plantas e hortas domésticas, economia de recursos (água, energia), consumo consciente (exemplo, escolhas no

supermercado), redução no uso de carro e a opção pela caminhada, uso de bicicleta e transporte coletivo.

Outra classe de práticas individuais, compreendidas como parte ou resultante do CPE, teve relação com o cuidado com o corpo e com a saúde, como a prática de ioga, meditação, o cuidado com a alimentação e consumo de alimentos saudáveis, com atenção à origem desses alimentos, dando preferência aos produtos orgânicos, integrais, menos processados e de cultivo local. Embora essa listagem de práticas não seja comum a todas, cada pessoa elencou pelo menos algumas delas. Destacou-se a visão acerca de um “estilo de vida simples”, ou seja, de base deliberada, cooperativa e austera (Corral-Verdugo, 2010). Essa concepção também se aproxima da noção de frugalidade, relativa à restrição voluntária e ao uso dos recursos de forma criativa (Muiños, Suárez, Hess & Hernández, 2015).

Na minha escolha de viagem, ou na minha escolha de consumo também passa a questão ambiental na percepção de evitar os excessos, não que eu seja diferente da maioria, mas eu procuro evitar os excessos com relação ao consumo, procurar comprar em locais que tenha mais, que haja mais divisão de renda, pequenos supermercados, ou feiras orgânicas, comprar ao invés de uma loja de doces, comprar de uma amiga que faz bolo, ou coisas assim que possam melhorar um pouco a situação e a divisão de renda (Participante 3, mulher, 53 anos). Então eu cuido de mim, da minha alimentação entendendo que a minha alimentação ela vai... eu vou acabar passando, tendo a minha saúde melhorada ou não isso vai influenciar o ambiente e a alimentação que eu estou colocando pra dentro de mim ela vem de algum lugar ela tem uma fonte, qual é essa fonte? O que é que eu to escolhendo colocar pra dentro?... Eu tento minimizar a industrialização, alimentos industrializados, alimentos muito refinados, eu gosto de uma alimentação mais integral mais viva, em primeiro lugar (Participante 9, mulher, 27 anos).

Outras práticas elencadas se relacionaram com os contextos de trabalho. A atuação profissional dessas pessoas é marcada pela atenção dada às questões ambientais, seja no trabalho em organizações não governamentais (ONGs), no serviço público (exemplo, Secretarias de Meio Ambiente, órgãos fiscalizadores), ou em âmbito privado, como o trabalho em consultorias. Quem atua no contexto acadêmico (como docente ou estudante) mencionou o tripé de ensino, pesquisa e extensão, favorecendo o acesso a novas referências teóricas, práticas no campo de estágio e/ou pesquisa, e a influência que esse conhecimento tem sobre as práticas pessoais, mencionadas anteriormente. As falas ilustram essa questão: “Enquanto funcionária pública sempre disponibilizei a minha formação, sempre me senti responsável, como geógrafa, pelo planeta” (Participante 10, mulher, 51 anos); “Trabalhei no projeto de horta escolar, base de pesquisa, com restauração, projeto (...),

trabalhei com coisas lá no CEFET, secretaria de meio ambiente, também num outro projeto, desde 2005 eu não paro quieto” (Participante 11, homem, 26 anos).

Ações de conscientização, como o repasse de informações sobre temáticas ambientais e sobre mudanças em práticas cotidianas, também foram mencionadas como ações relacionadas com o CPE. Podem ocorrer tanto em contextos formais, programas ou projetos de educação ambiental, nos ambientes de trabalho, como em contatos informais, em diálogos com pessoas do convívio (parentes, amigos), ou mesmo em situações cotidianas (exemplo, na fila do supermercado).

Nessa direção, destacou-se a forma como essas pessoas se relacionam com outras em diversos contextos, algo também mencionado como parte do seu CPE. Ressaltaram o estabelecimento de relações democráticas, horizontais, de cuidado e trato respeitoso com as pessoas como algo que expressa e é coerente com esse compromisso. Como ilustram as seguintes falas: “Bom dia, boa tarde e boa noite. Eu acho que isso é uma coisa básica. Você se relacionar bem com as pessoas” (Participante 8, homem, 27 anos); “Olha, a minha vida inteira sempre fui muito cuidadosa com as pessoas” (Participante 12, mulher, 61 anos). Ou ainda:

Cuidado e o respeito com as pessoas, de uma maneira independente. Então respeitar realmente os indivíduos, a diversidade, é o que eu falo, tentar viver de uma maneira mais democrática mesmo, democracia mais profunda no sentido da palavra e tudo mais. Então acho que isso é fundamental. Isso é uma prática que pra mim faz parte (Participante 2, homem, 27 anos).

A forma como se constroem as relações com as pessoas também parece contribuir para a realização de ações de caráter coletivo, que são marcadas pelo engajamento em atividades de mobilização social e participação em movimentos socioambientais (exemplo, defesa de parques, protestos) e a atuação na esfera política (exemplo, participação em audiências públicas, comissões, conselhos). Tais ações se caracterizam pela visibilidade que alcançam e por serem orientadas ao impacto em contexto mais amplo (social e ambiental). Com exceção das pessoas que exercem atividades remuneradas nesses contextos, o engajamento é voluntário.

E pensar em ação pró-ativa, poxa eu sou um cara que fiz muito, então eu participo de audiência pública, eu participo do conselho municipal de meio ambiente da minha cidade, eu participo de movimentos pró-ambientais diversos, eu fundei uma ONG aos 16 anos e passei mais de uma década desenvolvendo campanhas (Participante 13, homem, 33 anos).

O destaque dado às características pessoais apareceu de forma mais comum na percepção social do CPE. Tal como mencionado pelo Participante 13, a pró-atividade foi uma característica marcante nos discursos, referente ao senso de responsabilidade e à tomada de iniciativas, como promover

ações, convidar outras pessoas para desenvolver projetos e repassar informações sobre mobilizações. Outras características mencionadas estavam associadas à sensibilidade, perseverança, persistência e senso de justiça.

E ele [pessoa indicada] me inspirou muito pela resistência, ele é incansável, eu sou uma pessoa que me canso, durmo muito, ele quase não dorme, ele é incansável, ele tá sempre animado, mesmo depois de uma derrota, ele sempre acha que vai conseguir fazer alguma coisa (Participante 7, mulher, 30 anos).

Outro aspecto que também identificado nas falas, foram as barreiras para as práticas de cuidado ambiental. Foram apontados fatores situacionais, como a ineficácia e insuficiência da rede de transportes urbanos e a ausência de estrutura para coleta seletiva como situações que desmotivam práticas alternativas relativas à mobilidade e tratamento do lixo. Outro ponto mencionado foi a cristalização de rotinas já estabelecidas tanto em contextos domésticos como de trabalho, o que mantém relação com os hábitos e a dificuldade de modificá-los. Ao abordar a dificuldade de realizar práticas e mudanças de comportamento reconhecidas como importantes e necessárias, ocorre uma visão crítica e também autocrítica. Como nos seguintes exemplos: “Eu faço coisas incorretas também, tem coisas que já entrou no costume, de hábito” (Participante 7, mulher, 30 anos); “Bom, agora é difícil você ter um comportamento, assim, como chamam, eu não gosto muito dessa expressão, é ecologicamente correto 100% porque o meio capitalista impede, é uma contradição” (Participante 14, homem, 79 anos).

Sintetizando os resultados até aqui apresentados sobre indicadores sociais percebidos como expressão do CPE, vê-se que foram mencionadas práticas já apontadas pela literatura relativas às escolhas cotidianas, no contexto doméstico, e práticas pessoais (exemplo, destinação de resíduos, cultivo de plantas, economia de recursos, consumo consciente, redução do uso de carro, uso de bicicleta e transporte coletivo). Foram mencionadas, também, práticas relativas ao cuidado com a saúde numa perspectiva holística (exemplo, ioga, meditação, consumo de alimentos saudáveis). Em relação às ações de conscientização em âmbitos coletivos e de atuação profissional, os participantes ressaltaram o estabelecimento de relações democráticas, horizontais, de cuidado e trato respeitoso com as pessoas como algo que expressa e é coerente com esse compromisso, enfatizando seu caráter pró-social. Os participantes discorreram, ainda, sobre as barreiras que dificultam práticas de cuidado ambiental, as quais envolvem fatores situacionais (exemplo, ineficácia e insuficiência da rede de transportes urbanos e a ausência de estrutura para coleta seletiva) e os hábitos, com base num posicionamento crítico.

Tendo em vista que a consciência ecológica é um fenômeno que se consolida de forma recente na história da humanidade, observamos variações em sua apropriação e construção pelas pessoas, até mesmo na forma de conceber as relações dos pontos de vista pró-ecológicos com sistemas já estabelecidos na história de nossas sociedades.

Discussão

Em uma visão mais ampla sobre as concepções de meio ambiente e de CPE aqui analisadas, alguns aspectos merecem destaque. Primeiramente, ressalta-se a visão crítica a respeito do conhecimento que vem sendo produzido no âmbito da pró-ambientalidade. Tomar por base o referencial das próprias pessoas participantes para compreender em profundidade elementos que a literatura da área tem apontado sistematicamente, por vezes de forma descontextualizada, trouxe novas possibilidades de expansão desse conhecimento. Com o foco no processo de construção das concepções e visões de meio ambiente, assim como do próprio compromisso, foi possível esmiuçar pontos de convergência e de distinção entre diferentes perfis. Foi possível, também, identificar a influência dos contextos nos quais se dão essas construções.

Algumas das pessoas entrevistadas tinham formação técnica e/ou superior em áreas de meio ambiente (exemplo, Biologia, Ecologia, Engenharia, Geografia), enquanto outras tinham sido ou estavam sendo treinadas em Ciências Humanas ou da Saúde. A despeito dessas diferenças, os discursos sobre meio ambiente seguiram direções semelhantes. Assim, em alguns momentos o conhecimento técnico auxiliou e justificou o uso de alguns termos, mas essa não foi a tônica das definições. Nos relatos sobre as mudanças no conceito ao longo das trajetórias, observou-se a relevância de um conjunto de experiências de vida que contribuíram para a construção desse entendimento.

Nesse sentido, cabe problematizar a inclinação cognitivista que em geral atravessa programas de educação ambiental e intervenções socioambientais. Como já vem sendo apontado na literatura, o foco exclusivo no conhecimento e na informação, não dá conta da complexidade inerente aos temas ambientais (Gaspar de Carvalho, Palma-Oliveira & Corral-Verdugo, 2010; Hill, Figueredo & Jacobs, 2010). A diversidade de experiências com interações socioambientais que não ficaram restritas ao âmbito formal de ensino, envolvendo reflexões pessoais e em coletivos, favoreceram o desenvolvimento de concepções mais críticas, integrativas e complexas sobre o meio ambiente. Tal como se depreende na presente análise, a dimensão cognitiva, quando contemplada exclusivamente em contextos formais e de caráter informativo, parece se distanciar da dimensão afetiva, sendo esta mais associada com a informalidade e o caráter vivencial das experiências relatadas. Desse modo, sugere-se a consideração de ambas as dimensões no planejamento de ações de cunho educativo.

Como apontaram Polli e Camargo (2016), em seu levantamento sobre as representações sociais de meio ambiente, não identificamos diferenciações entre as definições de dois grupos de participantes, com faixas etárias distintas, acessadas de forma não-intencional no processo de construção do *corpus*. A despeito dessa convergência nas visões sobre meio ambiente, no que se refere ao compromisso pró-ecológico ficaram evidentes distinções entre as construções desses grupos de participantes. Embora haja ações em comum entre ambos, algumas práticas foram ressaltadas com maior ênfase por um ou por outro.

O grupo mais jovem de participantes (com idades entre

23 e 33 anos) desenvolve seu CPE em meio a um cenário mais recente de constituição do campo ambiental no Brasil, e em meio à abertura e expansão do ensino técnico, superior e em nível de pós-graduação voltados especificamente para a temática ambiental. Considerando a riqueza de detalhes descritivos e as justificativas dadas nas indicações, essas pessoas jovens atribuíram maior ênfase às práticas pessoais no cotidiano, às características pessoais e às relações com as pessoas. O CPE também é caracterizado pela inserção em novos movimentos de cunho socioambiental, como a permacultura e as ecovilas, assim como movimentos com pautas próprias do meio urbano como a mobilidade e a ocupação dos espaços públicos e direito à cidade.

De maneira distinta, as demais pessoas entrevistadas (idades entre 39 e 79 anos) tiveram o despertar para as questões ambientais em meio ao momento inicial do verdejar do pensamento público no Brasil, ou seja, num contexto em que essas questões começaram a adentrar o âmbito do senso comum. No entendimento sobre o CPE, teve maior peso a trajetória de militância e o engajamento em ações coletivas, políticas, e na esfera governamental. Assim como no caso do grupo mencionado antes, tais definições mantêm relação direta e fundamental com os contextos sociais e históricos nos quais se desenvolvem sendo, portanto, resultado da história de sua produção, das peculiaridades da cultura e modos de vida da sociedade em que são produzidos (Gergen, 1996; Ibáñez, 2003).

Nesse sentido, destacam-se as transformações sofridas ao longo dos anos pelas concepções de meio ambiente e natureza, e pelas expectativas que emergiram em torno do cuidado ambiental e do que possa ser considerado um compromisso pró-ecológico. As diferenças apontadas sugerem uma relação com o contexto geracional das pessoas entrevistadas, situados em diferentes momentos do desenvolvimento dos movimentos ambientalistas e do pensamento ecológico no Brasil, com ênfase no momento posterior à realização da Rio-92, com a difusão da noção de sustentabilidade (Viola & Leis, 1995).

Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que as ações que compõem os diversos CPEs não são percebidas ou encaradas pelos participantes como algo negativo, de caráter restritivo ou de sacrifício, mas sim como algo positivo e que traz, de forma geral, bem-estar e qualidade de vida, algo que já vem sendo apontado por outros estudos (Corral-Verdugo 2010; 2012). Tal constatação tem impacto para a formação de sujeitos comprometidos pró-ecologicamente, tendo em vista que as mudanças provocadas nos estilos de vida podem ter impactos positivos não apenas para o meio ambiente, mas para as pessoas e para os grupos nos quais se inserem.

Por fim, considera-se o perfil homogêneo do grupo de participantes como um aspecto limitante da pesquisa. Nesse sentido, abrem-se caminhos para investigações futuras que incluam pessoas com características diferentes das aqui contempladas. E, principalmente, que desenvolvam suas concepções de meio ambiente e que tenham a formação de seu compromisso em contextos diversos. Especificamente, populações rurais, de baixa renda, com diferentes níveis de inserção no ensino formal. Tais estudos podem favorecer uma visão mais ampla do CPE, assinalando a diversidade inerente a esse fenômeno.

Referências

- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. London, United Kingdom: Sage.
- Castro, P. (2005). Crenças e atitudes em relação ao ambiente e à natureza. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp. 169-201). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Charmaz, K. (2014). *Constructing grounded theory* (2nd ed.). London, United Kingdom: Sage.
- Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. (1991). *Nosso futuro comum* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Cordeiro, R. M. (2014). Os projetos de desenvolvimento do Brasil contemporâneo. *Revista de Economia Política*, 34(2), 230-248. doi:10.1590/S0101-31572014000200004
- Corral Verdugo, V. (2010). *Psicología de la sustentabilidad: Un análisis de lo que nos hace pro-ecológicos y pro-sociales*. México, DF: Trillas.
- Corral Verdugo, V. (2012). *Sustentabilidad y psicología positiva: Una visión optimista de las conductas proambientales y prosociales*. Hermosillo, México: Manual Moderno/Universidad de Sonora.
- Flick, U. (2014). *An introduction to qualitative research* (5th ed.). London, United Kingdom: Sage.
- Gaspar de Carvalho, R., Palma-Oliveira, M., & Corral-Verdugo, V. (2010). Why do people fail to act? Situational barriers and constraints on ecological behavior. In V. Corral-Verdugo, C. H. García-Cadena, & M. Frías-Armenta (Eds.), *Psychological approaches to sustainability: Current trends in theory, research and practice* (pp. 269-294). New York, NY: Nova Science.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275. doi:10.1037/0003-066X.40.3.266
- Gergen, K. J. (1996). La construcción social: Emergencia y potencial. In M. Pakman (Comp.), *Construcciones de la experiencia humana* (pp. 139-182). Barcelona, España: Gedisa.
- Ibáñez, T. (2003). La construcción social del socioconstruccionismo: Retrospectiva y perspectivas. *Política Y Sociedad*, 40(1), 155-160. Recuperado de <http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/viewFile/poso0303130155a/23709>
- Hill, D., Figueiredo, A. J., & Jacobs, J. (2010). Contextual influences on sustainable behavior. In V. Corral-Verdugo, C. H. García-Cadena, & M. Frías-Armenta (Eds.), *Psychological approaches to sustainability: Current trends in theory, research and practice* (pp. 269-294). New York, NY: Nova Science.

- Losekann, C. (2012). Participação da sociedade civil na política ambiental do Governo Lula. *Ambiente & Sociedade*, 15(1), 179-200. doi:10.1590/S1414-753X2012000100012
- Muiños, G., Suárez, E., Hess, S., & Hernández, B. (2015). Frugality and psychological wellbeing. The role of voluntary restriction and the resourceful use of resources. *Psychology*, 6(2), 169-190. doi:10.1080/21711976.2015.1026083
- Pol, E. (2007). Blueprints for a history of environmental psychology (II): From architectural psychology to the challenge of sustainability. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 8(1/2), 1-28. Recuperado de http://mach.webs.ull.es/PDFS/Vol8_1y2/Vol8_1y2_a.pdf
- Polli, G. M., & Camargo, B. V. (2016). Representações sociais do meio ambiente para pessoas de diferentes faixas etárias. *Psicologia em Revista*, 22(2), 390-404. doi:10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P392
- Vaccari, L. C., Cohen, M., & Rocha, A. M. C. (2016). O hiato entre atitude e comportamento ecologicamente conscientes: Um estudo com consumidores de diferentes gerações para produtos orgânicos [Edição Especial]. *Gestão.Org: Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 14(1), 44-58. doi:10.21714/1679-18272016v14Esp.p44-58
- Viola, E. J., & Leis, H. R. (1995). O ambientalismo multisetorial no Brasil para além da Rio-92: O desafio de uma estratégia globalista viável. In E. J. Viola, H. R. Leis, & I. Scherer-Warren (Orgs.), *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: Desafios para as ciências sociais* (2a ed., pp. 134-160). São Paulo, SP: Cortez.
- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology: Adventures in theory and methods*. Maidenhead, United Kingdom: McGraw-Hill Education.

Raquel Farias Diniz é docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

José de Queiroz Pinheiro é docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Recebido: 22/03/2017
1ª Revisão: 05/09/2017
Aprovado: 18/10/2017

Como citar este artigo:

Diniz, R. F., & Pinheiro, J. Q. (2017). O compromisso pró-ecológico nas palavras de seus praticantes. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(Supl. 1), 395-403 doi: 10.1590/1982-432727s1201704